

## ***A LOUCA DE SERRANO, DE DINA SALÚSTIO***

*A louca de Serrano* (Praia: Spleen, 1998), de Dina Salústio, é o primeiro romance de autoria feminina em Cabo Verde. O fato merece destaque, pois que o cânone cabo-verdiano tem obliterado com insistência a escritura feminina, gerando, por parte das escritoras e pesquisadoras, estratégias para dar visibilidade ao trabalho literário da mulher crioula; além disto, o texto curto tem dominado a produção feminina naquele país, quer pelo grau de tensão, concentração e urgência do que se quer comunicar, quer pela necessidade de publicação em periódicos, em virtude do reduzido número de editoras.

Dina Salústio, cujo trabalho literário vem desencadeando pesquisas de fôlego no meio acadêmico brasileiro pela excepcionalidade e variedade de sua obra (poesia, conto, romance, ensaio), é uma intelectual atuante no contexto cabo-verdiano e para além dele: membro coordenador da Associação dos Escritores, sócia fundadora das revistas *Mujer e Ponto & Vírgula*, jornalista, assistente social, Diretora da Rádio Educativa, técnica do Ministério dos Negócios Estrangeiros e colaboradora do Instituto da Condição Feminina...

Uma das marcas da narrativa salustiana (vale conferir ainda *Mornas eram as noites*, contos, 1993) é a pintura de quadros vivos e retratos do quotidiano crioulo, rostos (de mulher) e paisagens (de Cabo Verde) que levam o leitor a pensar a mulher contemporânea e sua contribuição para a construção da nacionalidade e da cultura de seu país e de seu tempo. Natural de Santo Antão, Dina vai ambientar seus textos na resistência épica do mundo ilhéu, homenageando os “homens e as mulheres (que) milagrosamente reinventam ilhas para além do mundo, com as pedras das rochas nuas, o sal da água azul, o sol do céu vermelho” (*Cantar ou chorar apenas*. In: -. *Révue noir*. Paris, 10: 25, 1993).

Serrano, na pena, pincel ou câmara de Dina Salústio, uma povoação pequena, rural (de sol, chuva, sementeira, colheita), “fronteira de fronteiras”, “pedaço de terra forte”, de “pele lamacenta e alma rochosa”, batida pelo “vento incansável”; de mulheres e crianças “improvisando o batuque em latas velhas”, onde “uma cabra amamenta o bebê” e alguém “se afoga em grogue” (1998, pp.9-26), evoca-nos um cenário já conhecido: Santo Antão e, por extensão, Cabo Verde. No entanto, a narrativa se alimenta da seiva fértil do realismo mágico do Gabriel García Márquez de Cem anos de solidão (aqui,

Macondo, aldeia imaginária da Colômbia, sua história mítica e a da família Buendía simbolizam o espaço e a História latino-americanos), pois que desde logo funda a origem e a história de Serrano no mítico, no mágico e na indecidibilidade do fantástico, dando relevo ao inumano e ao absurdo da vida quotidiana. A força criadora da terra e o matriarcado também ganham destaque no romance de Dina Salústio que, percorrendo trilhas semelhantes às propostas pelos latino-americanos, encontra uma via de experimentação de novas formas narrativas em Cabo Verde:

*“Serrano, esquecida da civilização, comprimia-se entre os caminhos remotos que levavam a uma longínqua saída para a capital e a região selvagem que se estendia até se perder as vistas, imersa num mundo povoado de seres de estranhos costumes aos quais não estavam alheios denunciados pactos com os subterrâneos da terra e das águas, habitados por animais que nunca se mexiam e pedras com miolo mole que em determinados períodos se tornavam caprichosos e ditavam as regras que conduziam os destinos de quem por ali nas noites passava. Dizia-se que Serrano trazia o destino escondido de uma velha mulher, gigante de pedra atirada ao mar e que em tempos que ninguém conheceu, deitara fora de si bocados de seu corpo que se espalharam como ilhas pelo mundo, fixando-se em parte incerta.”* (p.14)

A mítica da gênese (feminina) das ilhas e da gigante de pedra (a montanha, “mãe do vale”, p.70) faz parte de um **imaginário** cabo-verdiano (confira-se a lenda do Pico Ntoni, na ilha de Santiago) que vai re-significar o **real**. Dina funde estes planos com habilidade, e a imaginação vai transformando fatos quotidianos num relato em que as crenças ancestrais, o mito, a magia, a natureza, a história, o fantástico, o mundo (pós-) moderno se misturam, como na melhor ficção de Asturias, Carpentier e García Márquez.

Anulando a linha de separação entre o que *parece real* e o que *parece fantástico* (como propõe o último), aceitando igualmente o ordinário e o extraordinário, é possível examinar a existência humana e realizar a crítica da sociedade, particularmente das elites, com mais liberdade.

A **louca** de Serrano, protagonista do romance (par ou duplo de Filipa, a psicanalisada empresária de 33 anos, representante das gerações femininas da família San Martin), batiza, nomeando, “aquele pequeno pedaço de chão”, e fornece o diapasão para a tessitura narrativa: num povoado em que a tradição (representada pela figura da “velha-velha”, a parteira-curandeira-iniciadora dos rapazes da aldeia) não é questionada, ela acompanha, de forma fantasmática, gerações de mulheres fortes como Gremiana e Filipa, que ousam contestar ou colocar sob suspeita verdades estabelecidas. A louca “ciclicamente aparecia

no povoado por artes desconhecidas, para desaparecer do mundo visível dos vivos quando completava os trinta e três anos e já tivesse visto tudo o que tinha para ver, e ouvido tudo o que queria ouvir. Depois voltava a aparecer, filha de gente nenhuma, de lugar e tempo nenhuns, criança, mulher.” (p.26)

Esta *outsider*, destacada pelo narrador como a única perita na história do lugar, vai, revolucionariamente, “incitar corpos e almas”, perturbar e levar até mesmo o pároco da aldeia a lançar um novo olhar sobre os seus fiéis (propondo, inclusive, uma oposição entre beatas invejosas e mulheres ocupadas \_ “as mais bonitas, as mais airosas , as mais interessantes e generosas” \_ cujos pecados eram pequenos. pp. 58 e 42).

Problematizando o sermão do padre (“sem vocação”), que afirmava que o “dinheiro é uma arma que se volta contra o dono” e que “revoltar-se contra os ricos é pecado”, a louca é “uma desconhecida, sem dúvida nenhuma comunista”, que “aparece e desaparece quando lhe convém” e, pensa o padre, “quando é necessário”(p. 44):

“Uma desconhecida que nunca tentou entrar na igreja, o que levava os fiéis mais atentos a definir-lhe possíveis laços com o demônio, continuava a argumentar, em palavras desarticuladas, que os pobres eram a porcaria que os ricos utilizavam para se tornarem mais ricos, para pecarem, para desobedecerem aos princípios de igualdade definidos por um conhecido visionário e, finalmente, os utilizavam como instrumento para a sua própria salvação. Escarnecia e insultava igualmente os pobres por preferirem andar de mãos e corpos estendidos a negociar esmolas, a reinventar meios para ficarem independentes da hipócrita caridade dos outros.” (p. 39)

Em Serrano, aldeia onde “os sonhos abortavam ou morriam cedo” (p. 51) e os filhos de camponeses emigravam (como em Cabo Verde), as mulheres, representadas pela personagem **Maninha**, eram tidas como estéreis, fêmeas cujos “úteros não passavam de terra seca”; segundo os maridos, engravidavam por “milagre - na verdade, dormiam com homens da cidade, “especialistas que percebiam do assunto”. A louca, em sua denúncia, “berrava que os farmacêuticos eram a desafronta das mulheres de Serrano” (pp.63-4).

Outra personagem (épica) quase faz ruir a ordem paternalista vigente, enfrentando a acusação *dos homens e recusando-se a fazer uso do artifício que lhes corroborava o machismo*:

*“A única serrana que se rebelou contra a prática organizada na aldeia para diminuir o sofrimento das mulheres, apaziguar os humores de seus homens, ou afagar o ego oculto das serranas, não se sabe bem, foi Gremiana que enfrentou a população inteira, num fim de tarde*

(...), depois de escutar Valentim, o homem com quem vivia desde os treze anos, a gabar-se no bar que ele podia ter todos os filhos do mundo se a mulher não fosse defeituosa (...), apregoando a sua virilidade e a pouca serventia da companheira. (...) ela esqueceu a vergonha de mulher humilde, perdeu o medo às pancadas que viriam e às injúrias que iriam acontecer e gritou as verdades, todas elas, aos homens da região, a todos eles, que na mesma hora, juntos, marido, pai, irmãos, amigos, inimigos e parentes (...) correram atrás dela aos insultos e à paulada desde o largo da Casa da Luz, como era conhecida a casa da parteira, até à ribeira-rio onde as correntes eram mais bravas, gritando possessos que Gremiana era uma vagabunda desavergonhada de barriga oca. Vendo o seu orgulho de macho e o poder tão dolorosamente conquistado ameaçados de cair por terra, sem conseguirem esconder nos berros o medo que os diminuía, gritavam todo o ódio que sentiam por Gremiana, afinal todo o ódio que sentiam por todas as mulheres de Serrano, por todas as mulheres do mundo.” (pp. 64-5)

Denunciando a privação calculada do sexo, a violentação, a pancada, tudo em nome da incapacidade de procriar, Gremiana, tal como a louca, com sua coragem, tenta instaurar uma outra *praxis*, mas “desaparece no meio das águas e das pedras que lhe massacram o corpo alto e forte” (p. 73). As mulheres de Serrano voltam à sua vidinha de solidão e silêncio, entre velhas beatas, bolas de cristal, cerimônias de iniciação, rituais e orgias mortuárias que compõem um quadro da tradição popular, mantenedora de privilégios sociais que a obra quer colocar em questão.

Filipa, outra importante personagem do romance, vive na capital sua rotina pós-moderna no ano de 1994, embora estabeleça o contraponto com o passado em Serrano durante toda a narrativa. Desconhecendo a sua família de origem, pelo fato de ter sido abandonada pela mãe (a fotógrafa Genoveva San Martin, que aparece repentinamente em Serrano, desmemoriada, após ter sofrido um acidente), Filipa, exposta à “orientação desencontrada” de várias madrastas, elege a infância com o pai adotivo, Jerônimo, como sua *referência emocional* e seu tempo paradisíaco.

A busca de identidade, empreendida por Filipa, é o fio lógico e condutor da narrativa, dominada pela simultaneidade e indecidibilidade do contado. A recuperação da memória por Genoveva, o fato de lembrar-se de que teve uma filha numa aldeia chamada Serrano e o reencontro inesperado com Jerônimo vão culminar na reunião da família, no réveillon de 1995, e no reconhecimento entre “Fipa” e a mãe. Nasce um novo Ano, abrem-se novas possibilidades, volta-se à origem – Serrano:

*“Uma sombra deslizou da varanda iluminada em direcção ao jardim e um nó atingiu o peito de Filipa e todos se viraram em direcção do movimento que deixara na sala uma espécie de brisa com cheiro a campo. (...) Filipa sentiu necessidade de frio, de temporal, de ribeira a correr, de uma fonte a cantar(...) e saiu para o jardim. Aí, entre a luz e o escuro estava a Louca de Serrano olhando para ela com o brilho de um momento feliz.(...)”*

*Sentiu-se ansiosa. Estava com trinta e três anos. E se o seu tempo estivesse a esgotar-se? Se tudo o que lhe aconteceu estivesse destinado para uma louca de Serrano(...)? Onde as semelhanças nos seus destinos? Meio cambaleante aproximou-se.(...) Encostaram-se uma à outra. Agora eram duas mulheres e apesar da força que lhes pudesse ser atribuída, nenhuma delas mostrava qualquer tipo de segurança. Deixaram-se estar até que ainda abraçadas sentaram-se. A aldeia chegava mágica, linda e feiticeira” (pp.210-212).*

Como o leitor pode perceber, Dina Salústio põe em cena grandes mulheres: Filipa, Gremiana, a Louca, tantas outras, com suas forças e fragilidades, tentando traduzir uma nova subjetividade e um novo modo de encarar o mundo. Mulheres fortes. Mulheres com paisagem ao fundo. Forte. CABO VERDE.